

# O Percurso da Micro-história Italiana: Propostas, Perspectivas e Singularidades

*Edson Santos Silva*

Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Irati, Paraná, Brasil  
jeremoabo@ig.com.br

*Wallas Jefferson de Lima*

Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Irati, Paraná, Brasil  
wallasjefferson@hotmail.com

---

**Resenha da obra:** ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *Micro-história italiana: modo de uso*. Londrina: Eduel, 2012, 184 p.

---

Narrado em um ritmo vertiginoso que faz o leitor agarrar-se ao livro até o fim, *Micro-história italiana: modo de uso* busca explicitar as principais contribuições da chamada Micro-história italiana para a escrita dos historiadores. Além de um retrato crítico e acurado acerca dos seus notáveis protagonistas, oferece pistas de leitura fundamentais para se compreender uma das principais correntes da historiografia mundial. O resultado é uma síntese fascinante das contribuições efetivas dessa modalidade de escrita para as pesquisas de cunho histórico. Dividida em quatro partes, a obra focaliza a troca de saberes, a pluralidade das perspectivas críticas e o desafio atual dos historiadores em lidar com uma “história vista de baixo”.

Na primeira parte, denominada *Para uma história crítica da micro-história italiana*, Carlos Rojas contextualiza o estabelecimento das condições gerais do surgimento dessa modalidade de escrita no seio da historiografia dos anos 1960 a 1970, traçando suas origens na sociedade italiana. Segundo o autor, não se pode compreender o projeto historiográfico italiano caso este não seja inserido em um contexto cultural específico: a revolução cultural planetária de 1968<sup>1</sup> que, no clima de alta politização da época, acabou por produzir muitas

---

<sup>1</sup> É fato que após 1968 houve diversas mudanças na historiografia mundial, especialmente com o florescimento de novos modelos teóricos. Dentre estes, podem-se citar a *World System Analysis* nos Estados Unidos, a nova História Social Alemã, a História Regional Latino-americana e a Antropologia Histórica Russa.

expectativas de transformação social. Por isso, os principais expoentes da Micro-história italiana são “provenientes de tradições intelectuais marxistas ou da esquerda italiana” (p.27). Destacando a densidade histórica excepcional da sociedade e cultura italiana, Rojas explica que a heterogeneidade do mundo social italiano, sua situação de “grandeza histórica” (p.37), a posição geográfica estratégica, o caráter policêntrico e descentralizado do território e o cosmopolitismo cultural fizeram da Itália um espaço propício à atividade historiadora. Não à toa, foi na Itália que surgiu, em 1966, uma das revistas de história mais influentes, a *Quaderni Storici*, que será responsável por publicar os “mais importantes textos metodológicos da proposta Micro-histórica” (p.51).

Traçando as principais fases de desenvolvimento dessa indispensável corrente historiográfica, situa-se o leitor, em primeiro plano, nos anos de 1966 até 1974, considerados a verdadeira gênese do projeto micro-histórico, caracterizado especialmente pela construção de um arcabouço teórico e historiográfico da futura perspectiva micro-histórica. A primeira fase, situada entre 1975 e 1977, é constituída pela formação do chamado “núcleo duro”<sup>2</sup> (p.51) da Micro-história italiana, sendo datados dessa fase não somente os escritos mais importantes da *Quaderni Storici* mas também uma definição clara e explícita da proposta do “procedimento micro-histórico” (p.51).

É nesse período que Ginzburg publica *O queijo e os vermes*, tido por muitos como “o” exemplo por excelência de um “exercício micro-histórico” (p.58). Os anos 1978 a 1988 é considerado o “período-áureo” da Micro-história italiana, pois é nessa fase que essa perspectiva historiográfica consolidou-se dentro da Itália como a “mais importante e inovadora de todo o século XX” (p.51), sendo suas principais contribuições teórico-metodológicas traduzidas por quase toda a Europa. É desse momento que a história também assiste ao florescer de uma forte reflexão epistemológica que formalizou os principais paradigmas metodológicos da Micro-história italiana. Que paradigmas seriam esses? Em conjunto, destacam-se pelo menos três: o paradigma da mudança de escala, o paradigma indiciário e, finalmente, o paradigma de análise intensiva e exaustiva do universo micro-histórico delimitado pelo historiador.

Segue-se, então, uma nova etapa de transição, entre 1989 e 1991, anos marcados pelo “abandono sucessivo da revista *Quaderni Storici*” (p.52) pelos seus principais teóricos<sup>3</sup> e pela fragmentação da revista, considerada até então como de caráter coletivo, fragilizando-se

---

<sup>2</sup> Dentre os mais importantes, podem-se citar Edoardo Grendi, Carlo Poni, Carlo Ginzburg e Giovanni Levi.

<sup>3</sup> Há de se destacar que desde 1988, Carlo Ginzburg tornou-se titular da cátedra “Franklin D. Murphy” de estudos acerca do Renascimento Italiano na Universidade da Califórnia, fazendo-o passar pelo menos metade do ano nos Estados Unidos. Edoardo Grendi afasta-se pouco a pouco da revista *Quaderni Storici* desde o final dos anos 1980 e Giovanni Levi rompe com a revista definitivamente em 1991 devido a conflitos internos.

enquanto horizonte geral, não deixando, por isso, de produzir uma herança que se tornou, em certa medida, parte do patrimônio comum da historiografia mundial.

A segunda parte da obra, *A micro-história italiana e o paradigma da 'mudança de escala'*, busca definir de maneira clara o que de fato pode ser avaliado como Micro-história. O autor intenta refutar a identificação equivocada entre a Micro-história e a história local. Para ele, “a Micro-história italiana *não* é, ao contrário do que o termo *micro* poderia equivocadamente evocar, uma história de microespaços, microrregiões ou microlocalidades” (p.89). Antes, tratar-se-ia de uma “*nova* maneira de se focar a história” (p.89), fazendo uso de escalas pequenas ou reduzidas de observação baseadas especialmente em “análises microscópicas” e “estudo intensivo do documento”, permitindo ao historiador experimentar um novo procedimento metodológico que não tem outro intuito senão o enriquecimento da pesquisa histórica. Por isso

A tarefa do micro-historiador é, de início, a mesma que a criança ou adulto se enfrenta no quebra-cabeça: partir da imagem global já conhecida, para encontrar aquelas peças-chave, especialmente “reveladoras” ou “decifradoras” da imagem do conjunto, a partir das quais haverá de desenvolver a (re) construção de toda a figura buscada (p.112).

Enquanto sublinha as implicações metodológicas introduzidas por essa modalidade de escrita, Rojas explica que o objetivo da Micro-história também está intimamente ligado a um desejo implícito por uma *história viva e vivida* pelos homens, mediante a mudança de escala, sem contudo renunciar às análises macros. Nesse sentido, enquanto proposta metodológica original, a Micro-história assume uma posição política ou ideológica de esquerda, inserindo-se em tradições e filiações culturais da Itália do segundo pós-guerra. Não surpreende, portanto, o fato dos temas principais dos autores micro-históricos focalizarem questões como a história da classe operária, a cultura das classes silenciadas pelos poderes estabelecidos e o papel dos saberes “indiciários” tão caros às classes populares, injetando vida às realidades diversas e enquadrando a escrita dentro de um “repertório, múltiplo”, matizado e superabundante de “exemplos”, “casos”, “indivíduos” e “espaços” históricos das mais diversas determinações, distinções, durações, localizações ou especificidades (p.99). O centro de atenção do historiador deveria estar voltado especialmente para o resgate da “cultura dos oprimidos” e uma espécie de revalorização do “ponto de vista das vítimas” (p. 102). O campo que a Micro-história ocupa sozinha enquanto sistema de explicação de determinados fatos em dado tempo e espaço é mergulhado pelo cotidiano, pelo “ordinário”, pelo universo dos “pequenos”. Ela se afirma, enquanto proposta nova, exatamente por anexar a si mesma personagens que até então escapavam ou permaneciam fora do território do historiador. Ela

também é inovadora em revelar o que se passa nos bastidores do “teatro de aparências” da história, revelando estruturas ocultas e estratos profundos das culturas subalternas.

Analisando o clássico trabalho de Carlo Ginzburg, a terceira parte do livro, que tem por título *O queijo e os vermes: um modelo de história crítica para a análise das culturas subalternas*, explica as razões do grande impacto gerado pelas obras desse historiador italiano nas ciências sociais contemporâneas. Considerado por muitos leitura obrigatória, *Il formaggio e i vermi* atravessou os círculos históricos e conquistou espaço entre os linguistas, filósofos e especialistas em temas culturais. Como pedra de toque dos diversos modelos de escrita histórica, a obra de Ginzburg teve a particularidade de trazer à baila um “novo modelo de história crítica para o exame das culturas subalternas” (p.117). O interessante desse famoso trabalho foi seu apelo por uma história complexa e aprofundada que rompesse com a proposta solidificada da História tradicional das ideias que tendia a reproduzir “um ponto de vista aristocrático e depreciativo” (p.123) da cultura popular, taxando-a de “folclore”, “tradições populares”, “crenças primitivas”, mas nunca como uma verdadeira “cultura”. Ginzburg revelou muito de si mesmo em *O queijo e os vermes*. Com uma narrativa aliciante repleta de detalhes, ele demonstrou aos historiadores que é possível resgatar, por meio do estudo micro-histórico, os “casos *excepcionais* que em sua atipicidade mostram-se especialmente *reveladores* de estruturas gerais e dos conteúdos principais da cultura popular ou subalterna” (p.126). Entre diversos fatores que vão da genialidade inovadora à simpatia em torno de personagens marginalizados pela historiografia tradicional, a lacuna em relação à procura das obras de Ginzburg foi determinante para que *O queijo e os vermes*, *História Noturna*, *Os andarilhos do bem*, *O fio e os rastros* e muitas outras obras assumissem rapidamente uma posição de destaque nas listas de livros de História mais vendidos no mundo, demonstrando que o sucesso planetário de Ginzburg deve-se, pelo menos em parte, ao desejo implícito dos historiadores de se interessar por *todos* os homens. Por outro lado, a rápida difusão da Micro-história italiana é também fruto de

(...) um contexto resultante da profunda revolução cultural mundial de 1968; contexto que criou um ambiente particularmente receptivo e atento para todas aquelas perspectivas, correntes, obras e enfoques que, a partir de ângulos muitos diferentes, começaram a se ocupar do exame e interpretação dos distintos fenômenos, problemas e processos constitutivos da dimensão cultural das sociedades humanas, atuais e antigas (p.116-117).

Nesse sentido, a Micro-história se desenvolveu em circunstâncias históricas precisas: num momento em que o mundo reivindicava novos sonhos e a historiografia combatia as bases ideológicas da história positivista. Batalhas importantes foram vencidas. A história

social e “vista de baixo” adquiriu todos os seus direitos e tornou-se frequente. A fobia pela história dos excluídos socialmente não era mais um artigo de fé entre os historiadores.

Por fim, a última parte da obra, que tem por título *Indícios, leituras indiciárias, estratégia indiciária e saberes populares – Uma hipótese sobre os limites da racionalidade burguesa moderna*, explica que o sucesso dos micro-historiadores advém não do fato de terem “descoberto” ou “inventado” um modo específico de conhecimento, mas de terem “explicitado e teorizado” (p.152) tais estratégias, incorporando-as em seus escritos. Para Rojas, os teóricos da Micro-história fizeram amplo uso de um “método detetivesco” (p.154), buscando captar e decifrar os “indícios” ou “sinais” presentes nas fontes no intuito de visualizar o caráter dinâmico, inovador e criativo de realidades marginais ou silenciadas. O historiador, para eles, também deveria prestar atenção a esse mundo.

Esse trabalho de revalorização tem o mérito de colocar no primeiro plano da cena variadas formas de expressão, manifestação e conhecimento humano em geral. Na verdade, de todas as inovações realizadas pelos micro-historiadores da *Quaderni Storici*, a mais decisiva foi sem dúvida valorizar o indivíduo e os eventos particulares. Até então, os problemas da história haviam sido definidos em grande parte pelo positivismo, sendo a atenção dirigida, evidentemente, aos “grandes homens” e aos “grandes eventos”. Isso explica o fato de a história tradicional apoiar-se na dupla crença do predomínio dos chamados “atores-heróis” e da influência exemplar e dramática da vida dos homens.

O percurso da Micro-história foi, ao contrário, governada por uma escolha de orientação epistemológica que se distancia ou se desvincula um pouco de trajetórias “notáveis”, colocando o conjunto de problemas e temas de grupos e indivíduos aparentemente “subalternos” no centro das reflexões históricas. A Micro-história, evidentemente, realizou feitos admiráveis e seu trabalho causou enorme abalo na base científica e cultural a que o pensamento histórico estava preso. Ela impôs uma nova maneira de fazer e escrever história: o trabalho sistemático e exaustivo com as fontes, uma atitude nova para com os indícios presentes nos documentos, a restituição da singularidade dos casos particulares, etc. Com isso, acabou dando ao historiador o ensejo de integrar as evidências, feitas de fragmentos e dispersas nas mais variadas individualidades, na sua escrita.

Pela primeira vez num trabalho de fôlego, o historiador e o leitor em geral deparam-se com uma perspectiva geral da Micro-história italiana. Com didatismo, capacidade de síntese extraordinária e densidade teórica, a obra de Rojas apresenta uma contribuição valiosa para o debate das propostas, perspectivas e singularidades da Micro-história.

---

SOBRE OS AUTORES

**Edson Santos Silva** - Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2009); professor adjunto do curso de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná.

**Wallas Jefferson de Lima** – Mestrando em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná.

---

Recebido em 26/11/2013

Aceito em 17/12/2013